Três estudos com diferentes perspectivas sobre a violência: combinações de desejos e defesas em um mesmo sujeito ou distribuídas nos vínculos

David Maldavsky,¹ Buenos Aires

Após apresentar seu marco conceitual (pulsões e defesas) e resumir o método de avaliação, o autor expõe sumariamente três investigações empíricas acerca das práticas violentas: i) desejos e defesas nas explosões de violência e seus determinantes; ii) desejos e valores em um acusado de abuso, seus defensores, seus acusadores, seu aliado e seu líder espiritual; e iii) resistência de contratransferência do terapeuta com uma paciente com violência autoinfligida. Cada investigação tem um projeto, recorre a instrumentos diferentes e seus resultados podem se articular. Os estudos prestam atenção, desde a perspectiva intersubjetiva, tanto ao valor do outro na vida anímica individual como à relação efetivamente desenvolvida em uma interação.

Quanto aos desejos e defesas preponderantes, os resultados dos estudos coincidem em destacar o peso da tendência libidinal na alteração da autoconservação no próprio corpo ou no alheio e da tendência a supervalorizar um mundo caracterizado pela espiritualidade ou pelas palavras carentes de sustentação nos fatos, proferidas por personagens falsos ou com ideias absurdas, tudo isso combinado com defesas que apontam ao empobrecimento da qualidade da vida psíquica e ao rechaço de uma realidade concreta que se considera frustrante.

Palavras-chave: desejos, defesas, violência, intersubjetividade.

¹ Doutor em filosofia e letras (UBA) e diretor do doutorado em psicologia da UCES.

1 Introdução

O trabalho tem como objetivo focar as situações de violência desde a perspectiva da intersubjetividade em um duplo sentido: como processo intrapsíquico e como vínculo interpessoal.

Na primeira parte o autor desenvolve considerações metapsicológicas e psicopatológicas que servem de fundamento aos estudos posteriores. Começa definindo os conceitos com os quais há de realizar os estudos concretos. Tais conceitos são os que Freud considerava centrais para o estudo das manifestações, quer dizer, processos pulsionais e defesas, entendidas estas como destinos da pulsão. A seguir dá ênfase especial a um tipo de desintração pulsional que acaba perturbando a pulsão de autoconservação, frequentemente consequência de uma vivência traumática. A seguir se concentra em descrever o conjunto de defesas centrais e complementares que parecem determinar as alterações orgânicas em termos gerais e específicos.

Na segunda parte, que faz de ponte entre os conceitos teóricos e os estudos das manifestações, o autor, primeiro, propõe estudar o conceito de ódio em termos das manifestações quanto às práticas violentas que implicam alterações no próprio corpo ou no alheio. Depois expõe rapidamente um método de investigação, usado nas investigações que se resumem a seguir, que se baseia em conceitos freudianos e que permite estudar as manifestações discursivas nos níveis do relato, dos atos da fala e das palavras.

Na terceira parte se resumem três investigações empíricas e que se centram em diferentes manifestações da violência. Ou seja, na primeira se analisam os fatores predisponentes e precipitantes em episódios violentos, com um enfoque centrado na intersubjetividade intrapsíquica, o que implica levar em conta o valor anímico do outro. Na segunda se analisam as manifestações dos integrantes de um grupo artificial, constituído por um líder espiritual acusado de abuso e mais seu inspirador, seus adeptos, seus inimigos e um aliado transitório. Põe-se em evidência que há posturas afins e contrapostas que podem ser ordenadas de maneira a dar clareza ao conjunto em termos de uma distribuição posicional. Na terceira investigação se estuda a contratransferência resistencial em uma terapeuta que atendia uma paciente com uma agressão autoinfligida. Nestas duas últimas investigações a perspectiva da intersubjetividade abrange também os processos vinculares. Nos comentários finais o autor reúne os resultados das três investigações e formula algumas apreciações sobre o valor da investigação empírica nos estudos psicanalíticos.

2 Marco conceitual

Os conceitos que constituem o marco deste trabalho são pulsão e defesa, que, nesta primeira parte, exponho em termos metapsicológicos e psicopatológicos.

2.1 Economia pulsional

Freud (1920) afirma que Eros (composto de sexualidade e de autoconservação) tem como objetivo básico neutralizar a pulsão de morte. Cada uma destas pulsões se rege por um critério diferente de processamento da energia. Cada tipo de pulsão tenta conservar ou retornar a um estado anterior. A pulsão de morte, cujo representante é o princípio de inércia, tende a eliminar toda a energia disponível no sistema e voltar a um estado carente de tensão vital. A pulsão de autoconservação, representada pelo princípio de constância, tende a conservar uma quantidade de energia disponível para a ação específica. Por fim, a pulsão sexual, em que predomina o princípio de prazer, tende a conservar uma vivência sensual gratificante prévia ou a ela retornar. Eros tende a atrelar a pulsão de morte na tentativa de neutralizar sua eficácia, e esta ligação cobra um preço em algum de seus componentes, a autoconservação ou a sexualidade, que se vê alterada quanto a seu princípio regulador e se torna representante parcial da pulsão de morte no seio de Eros. A ligadura da pulsão de morte com a sexualidade leva ao desenvolvimento do masoquismo, enquanto que a ligadura da pulsão de morte com a autoconservação leva à perturbação da pulsão de sarar, a necessidade de estar doente (Freud, 1940).

Freud desenvolve, a partir de 1920, esta categorização dos rastros da ligadura da pulsão de morte com diferentes componentes de Eros. É mais simples para ele considerar a ligadura da pulsão de morte com a sexualidade (no masoquismo) e mais trabalhoso deslindar o outro tipo de conexão da pulsão de morte com a autoconservação, em cujo caso não é a libido que é perturbada e sim o egoísmo. Finalmente (Freud, 1940) afirma que as situações clinicamente mais severas são aquelas em que predomina a resistência do Superego e as que derivam de uma necessidade de estar doente. Em relação à resistência do Superego, Freud a relaciona com o sentimento de culpa e o masoquismo moral, enquanto que relaciona a necessidade de estar doente com a alteração na autoconservação, que pode levar, por exemplo, a que um paciente realmente se suicide. Em síntese, cada resistência mostra uma perturbação específica dos componentes de Eros: a sexualidade no masoquismo do Ego diante do Superego e da autoconservação na necessidade de estar doente. Freud faz um inventário dos diferentes tipos de resistência (do Ego,

do Superego, do Id) e afirma que a dificuldade clínica com um paciente depende do peso que tenham as resistências do Superego e a da alteração da autoconservação. Em relação a esta última admite que somente a reconheceu nesse momento e que, portanto, não tem recomendações clínicas para formular. O problema fica colocado para as gerações de psicanalistas posteriores.

Interessa-nos, nesta oportunidade, focalizar, a partir desta ótica, o conceito do ódio e sua relação com a pulsão de morte. A pulsão de morte pode se ligar ao componente libidinal, e, neste caso, se transforma no ódio do desejo hostil, mas a pulsão de morte também pode se ligar à autoconservação. O tema do ódio no sadomasoquismo foi considerado, por diferentes autores, de maneira rica e sofisticada, quanto à sua importância na teoria e na clínica. Também o enfoque do ódio em relação ao egoísmo é considerado por Freud, no marco do sadomasoquismo, em seus trabalhos anteriores a 1920 (Freud, 1915). Em relação à tramitação patológica da hostilidade e sua relação com a pulsão de morte no marco da alteração da autoconservação, contamos somente com o comentário de Freud que se refere à tendência à autodestruição.

A isso é possível acrescentar que o poder da pulsão de morte costuma se incrementar e requerer uma neutralização (apelando não somente à sexualidade como também à autoconservação) como consequência de vivências traumáticas. Freud (1920) as caracteriza como uma invasão de volumes de excitação que perfuram a couraça antiestímulo e que não podem ser ligados, nem processados. Com frequência tais desenlaces derivam de vivências perturbadoras, tais como o caráter desmedido de certas incitações mundanas, segundo o postulado por Freud, mas também pode acontecer o inverso: a ausência ou pobreza destas vivências. Em outras ocasiões pode ser que se acrescente alguma disposição pulsional ou neuronal do próprio sujeito. Freud menciona que, com frequência, o efeito perturbador de um estímulo deriva da falta de preparação do sujeito, a surpresa, o que implica dar ênfase à uma atividade psíquica, a investidura de atenção, correspondente ao componente cognitivo e não apenas a uma perturbação na economia pulsional. Destaco (Maldavsky, 2016a) que considero que, em tais situações traumáticas, ocorre um duplo caos: orgânico (na economia pulsional quanto à necessidade, a autoconservação) e cognitivo (impossibilidade do anímico para dotar suas vivências de sentido e coerência).

2.2 Destinos anímicos da pulsão: defesas

Ocorre, costumeiramente, que o processamento do trauma consista em fazer aos demais o que se padeceu (Freud, 1920), quer dizer, pôr-se na posição do personagem ativo, de modo que o outro padeça o duplo caos que previamente sofreu o sujeito: físico e cognitivo. Nesta perspectiva proponho considerar os destinos anímicos desta ligadura da pulsão de morte com a pulsão de autoconservação. Freud (1915) destaca que as defesas são destinos da pulsão sexual no anímico (e dos desejos derivados delas); sugiro, pois, considerar deste mesmo ângulo os destinos desta ligação particular entre Eros e pulsão de morte. A consideração das defesas como destinos do componente libidinal exige que nos perguntemos se não há alguma pulsão sexual que possa testemunhar esta relação extremamente estreita com a autoconservação, com a necessidade. Em relação a isso, conto com uma sugestão de Freud (1926): após o nascimento, certos órgãos, como coração e pulmões, atraem sobre si grandes magnitudes de libido narcísica, que, depois, hão de se deslocar para as zonas erógenas periféricas. É possível que esta investidura inicial de órgãos seja esse ponto de ligação mais estreito em que a autoconservação guia o narcisismo quanto à investidura. Proponho, para este tipo de investidura, o termo *libido intrassomática*, que poderia ser substituído por outro, no caso de surgir um mais feliz. É, portanto, possível se perguntar, também, pelos destinos (quer dizer, as defesas) inerentes a esta investidura libidinal.

É a hora, então, de se indagar pelas defesas como modos de processar esta particular soldagem da pulsão de morte em Eros. Quanto mais desligadas da pulsão de morte tanto mais regressivas e patológicas são as defesas. Entre as mais perturbadoras encontram-se aquelas que levam ao desenvolvimento de atividades violentas, como a desmentida² de determinada realidade e dos representantes psíquicos das leis e das normas. São ainda mais perturbadoras aquelas práticas violentas consequentes da desconsideração da realidade, dos representantes psíquicos das leis e dos preceitos que regulam os vínculos. Nessas atividades e práticas violentas, já que está em jogo a motricidade voluntária o influxo externo ou interno torna possível a realização de algum tipo de freio. Costuma acontecer nestas circunstâncias que a violência se exerça sobre outro corpo, como acontece nas práticas sadomasoquistas, mas também pode ser que aconteça uma alteração do organismo alheio que exceda este terreno do sadomasoquismo, já que o prazer ativo não depende de uma identificação com a posição passiva do outro, como

² N.R.: Desmentida [*Verleugnung*]. Optamos por manter o termo em espanhol – idioma original do artigo – por ser uma tradução correntemente utilizada em português para se referir a esta defesa, que também é algumas vezes traduzida como recusa, denegação.

Freud (1924) o caracteriza, mas que o prazer consista em gerar no organismo alheio uma sobrecarga que rompa as barreiras antiestímulo, como acontece nas situações traumáticas.

A violência que leva à geração de uma sobrecarga que rompa no outro a barreira antiestímulo implica em gerar neste outro uma perturbação em sua economia pulsional, principalmente uma alteração em sua necessidade de autoconservação, combinada com uma perturbação no pensamento, no terreno cognitivo. As defesas que, então, predominam são outras e costumam apontar para a supressão da subjetividade, entendida em termos de perda da capacidade de captar matizes sensoriais sobretudo afetivos, como acontece nos estados de sonolência e apatia. A isso se acrescenta um estado de confusão nos pensamentos, uma impossibilidade para entender as chaves da mente do personagem ativo. Nestas situações a motricidade voluntária tem uma função, em particular no ato violento. A defesa parece ser um tipo de expulsão do sujeito, da capacidade para captar qualidades, que é atacada no outro. Talvez este seja o mecanismo ao qual Freud (1920) alude quando afirma que certas incitações internas improcessáveis são tratadas como externas, para poder interpor a proteção antiestímulo, e acrescenta que esta é a origem da projeção, que parecer ter, nesta origem, um caráter que é inerente à linguagem dos órgãos.

Mas há outras situações ainda mais complexas em que a violência é exercida sobre o próprio corpo, como Freud descreve em relação às práticas suicidas e também, em escala mais atenuada, no consumo de álcool, drogas, distúrbios na alimentação. Nestas situações é possível que também tenha fracassado ou se mostrado indisponível este mecanismo expulsivo elementar. Alguns autores – por exemplo Perry (1990) – descrevem esta conduta como hostilidade passiva, na qual o mecanismo poderia ser a incorporação (Maldavsky, 2008). Tal recurso à alteração da própria economia pulsional se combina com o caos cognitivo já mencionado.

Uma situação mais severa ocorre quando nem mesmo está disponível um desempenho motriz passivo, como acontece quando sobrevêm alterações nos processos glandulares e viscerais com as conseqüentes perturbações psicossomáticas. Neste caso o mecanismo não é a incorporação, mas uma introjeção orgânica. Lembre-se que Freud (1905) postula que a tensão de necessidade migra para as zonas erógenas por um processo projetivo intracorporal, do centro para a periferia do corpo. A projeção assim definida por Freud tem como complemento esta introjeção, que, como muitos mecanismos, pode ser funcional (como as carícias e o contato que equilibram o sistema e permitem se recuperar de um distúrbio do sono), ou patológico (quando a interação com algum chefe é seguida, em um paciente, por uma alteração em sua pressão sanguínea). Também neste

caso se mantém a incerteza quanto à mente do outro da qual o sujeito depende, que se torna incompreensível. Este parece ser um desenlace extremo em relação ao processamento da própria hostilidade.

3 Investigação empírica

Proponho-me apresentar, a seguir, as categorias intermediárias entre os conceitos mais gerais e as investigações concretas. Estas categorias consistem em uma operacionalização do conceito de ódio, alguns detalhamentos psicopatológicos (derivados desta operacionalização), uma antecipação dos resultados globais dos estudos e uma rápida apresentação do método de investigação, com o inventário dos desejos, das defesas e de seu estado assim como dos níveis de análise dos instrumentos.

3.1 Generalidades

Até agora o terreno desta exposição foi, em primeiro lugar, metapsicológico, em seguida, psicopatológico, com uma crescente aproximação às manifestações clínicas e às de outro tipo. A partir deste ponto me interessa me concentrar no estudo das ditas manifestações. No entanto, restam-me dois detalhamentos por fazer, relacionados ao tema que encararei e com o modo de fazê-lo. A respeito do tema, cabe destacar que considero que o estudo do conceito *ódio* leva, de imediato, a dois enfoques alternativos: enquanto conceito abstrato, como quando Freud (1915) se refere às polaridades do amor, na linha da exposição metapsicológica realizada mais acima, e enquanto conceito que se evidencia nas manifestações, independentemente de que o sujeito declare, explicitamente, senti-lo. Neste último sentido, na tentativa de estudar o ódio nas suas manifestações, proponho estabelecer um nexos entre o dito conceito e as práticas violentas. No jargão da investigação empírica diria que propus uma operacionalização do conceito de ódio em termos de tais práticas violentas. Até aqui o esclarecimento refere-se ao tema que tenho pela frente. Resta esclarecer de que modo o farei. Sobre isso me refiro a que, em vez de expor casos, tomarei outro rumo, quer dizer, o dos estudos empíricos, aqueles em que se incluem determinados instrumentos para chegar a resultados precisos. Às vezes estes estudos despertam a rejeição dos psicanalistas, e os argumentos discutidos são sensatos, sobretudo porque o esforço realizado, que pode ser tedioso, não é compensado com a obtenção de resultados valiosos no marco dos conceitos psicanalíticos. Conhecendo estas objeções, desde quase

vinte anos, projetei instrumentos para a investigação em psicanálise com um fundamento freudiano. Os conceitos estudados em todos os casos são a pulsão (e o desejo derivado dela), a defesa e seu estado, já que, como Freud destaca, os sintomas neuróticos ocorrem quando fracassa a defesa; a alucinação de O Homem dos Lobos, inclusive, é consequência do retorno do rejeitado,³ isto é, deriva também do fracasso da defesa correspondente (Freud, 1918).

O inventário das pulsões e dos desejos, seus derivados, inclui os classicamente descritos em psicanálise (oral primário, sádico-oral secundário, etc.) e a libido intrassomática, que mencionei um pouco antes. Os desejos se combinam com determinadas defesas patológicas; além do mais estas defesas podem se diferenciar em centrais e secundárias, do mesmo modo que acontece com a repressão como defesa central e a anulação, o deslocamento, a identificação como defesas secundárias. A defesa central permite categorizar a classe de estrutura clínica, e as secundárias, o tipo específico. Por exemplo, a repressão é comum às neuroses de transferência, enquanto que, caso a repressão se combine com o desejo sádico-anal secundário e com a anulação (e outras defesas), encontrarei manifestações das neuroses obsessivas; em troca, caso a repressão se combine com o desejo fálico-genital e com a identificação secundária (e outras defesas), encontrarei manifestações das histerias de conversão, etc.

Quanto às patologias tóxicas e traumáticas, há certas defesas centrais, como a repressão nas neuroses de transferência. Estas defesas centrais são a fuga (Freud, 1915) e a projeção ou expulsão (Freud, 1920) e a rejeição do afeto, conceito proposto por J. McDougall (1989). Freud (1918) descreve a rejeição como uma defesa diante do novo; quando se opõe à autoridade do pai, é porque isto é o novo para o Ego. Mas há outras realidades psíquicas que são o novo, anteriores ao surgimento desta autoridade paterna, como o afeto, ao qual Freud (1926) denominou neoformação. Freud (1950) afirma, na verdade, que o afeto é o primeiro conteúdo da consciência, o fundamento da subjetividade, a primeira qualidade, à qual se lhe agregam, como complemento, as impressões sensoriais. Portanto, o desaparecimento ou não aparecimento desta qualidade deixa o anímico carente de subjetividade (Maldavsky, 1988, 1992). Haveria uma escalada em relação aos troços da defesa: o fracasso da fuga exige a projeção, se esta também fracassa, a rejeição do afeto se torna a única alternativa. Esta defesa central pode se combinar com diferentes defesas secundárias, tais como a incorporação, ou a introjeção orgânica que mencionei mais acima.

³ N.R.: Optamos por traduzir os termos *desestimado* e *desestimación* por *rejeitado* e *rejeição* respectivamente, utilizados pelo autor no original com mais de um significado, por serem termos consagrados em português.

Até aqui o terreno, apesar de meu detalhamento, continua a ser especulativo e parte do pressuposto clássico: fixação+defesa=estrutura psicológica. Os estudos clínicos, como os que Freud fez de Dora ou do Homem dos Lobos, põem em evidência que há uma maior riqueza de desejos e defesas que intervêm em cada manifestação. Os estudos empíricos permitem, precisamente, captar esta diversidade. Na tentativa de capturar a riqueza destas manifestações, desenvolvi instrumentos que detectam os desejos e as defesas no terreno verbal e no não verbal. No terreno verbal, os instrumentos permitem estudar três níveis de análise: relatos, atos de fala, palavras (Maldavsky, 2013). No que vem a seguir tentarei apresentar, de maneira sintética, algumas de minhas investigações relacionadas com a questão da violência. A perspectiva para estes estudos consiste na intersubjetividade, entendida como o lugar que cada um concede ao outro em sua mente e, por vezes, além disso, como relação efetivamente desenvolvida, como intercâmbio.

De maneira global, posso afirmar que, nos estudos, põem-se em evidência o peso e o destino de duas pulsões: a libido intrassomática, que já mencionei, e a oral primária, centrada na atenção aos processos cognitivos. A primeira destas pulsões vai acompanhada das defesas descritas antes, enquanto que a segunda vai acompanhada da rejeição da realidade e da instância paterna e/ou da desmentida. O uso defensivo do pensar, próprio do processo cognitivo, implica o rechaço de uma realidade apelando para outras realidades idealizadas, algumas apenas ilusórias (por exemplo alguma crença mágica), tais como as empregadas para desmentir, e outras mais desconectadas do mundo, tais como algumas argumentações extravagantes, absurdas, empregadas para rejeitar. O sucesso da defesa se apresenta como vivência triunfalista de conhecer as chaves para decifrar uma realidade, sobretudo a composta pela mente dos demais, que passam a ser objetos de observação e, inclusive, de experimentação. No grau extremo se apresenta semelhante ao deleite de receber uma revelação, uma mensagem divina por obra de um milagre. O fracasso da defesa, por sua vez, se apresenta, no grau extremo, na forma de alucinações aterrorizantes, acompanhadas de pensamentos delirantes; em um grau menos perturbado, como uma vivência de irrealidade, de estar imerso em um labirinto, de se carecer de uma chave para decifrar o mundo, sobretudo a mente de interlocutores poderosos. O estado exitoso-fracassado da defesa se apresenta como vivência de se ver desconectado de um mundo no qual os demais participam, mundo esse que lhe é possível captar somente à distância, como se um vidro separasse o sujeito do resto (sentimento de futilidade). No grau extremo pode se apresentar como estar perdido em um espaço interplanetário, silencioso e escuro. Nas crises severas costumam se combinar o repúdio fracassado do afeto e uma desmentida igualmente fracassada. Da rejeição fracassada do afeto deriva a

crise da angústia e da desmentida fracassada deriva a vivência de não entender a realidade, que resulta hermética ou caótica, carente de sentido.

3.2 Questões metodológicas

Nas investigações empíricas é costume expor com cuidado o aspecto metodológico, que resumirei aqui em poucas palavras. O método, que denominei algoritmo David Liberman (ADL) em homenagem a meu mestre, consta de instrumentos para estudar os desejos, as defesas (centrais e complementares) e seu estado (Maldavsky, 2013). O inventário dos desejos inclui: *i*) libido intrassomática (LI); *ii*) oral primária (O1); *iii*) sádico-oral secundária (O2); *iv*) sádico-anal primária (A1); *v*) sádico-anal secundária (A2); *vi*) fállico-uretral (FU) e *vii*) fállico-genital (FG). O inventário das defesas centrais inclui as funcionais: *i*) de acordo com os fins; *ii*) inibição; *iii*) criatividade e *iv*) sublimação. E as patológicas: *i*) repressão; *ii*) repressão com traços caracterológicos; *iii*) desmentida; *iv*) rejeição da realidade e da instância paterna; *v*) rejeição do afeto. As defesas funcionais se combinam com todos os desejos, enquanto que as patológicas se combinam somente com alguns deles, o que se pode observar no quadro 1. Quanto aos estados das defesas, abrangem todas elas.

Quadro 1 – Combinação entre desejos, defesas e estados

Desejos	Defesas	Estado
LI	Rejeição do afeto	Exitoso
O1 O2 A1	Desmentida	
	Rejeição da realidade e da instância paterna	
A2 FU FG	Repressão mais traços caracterológicos Repressão	Fracassado
LI O1 O2 A1 A2 FU FG	De acordo com os Fins	Exitoso/Fracassado
	Inibição	
	Criatividade	
	Sublimação	

Construí (Maldavsky, 2003, 2013, 2016b) instrumentos para o estudo destes conceitos nos componentes verbais (relatos, atos de fala, palavras). A maioria destes instrumentos se compõe de grades para detectar os desejos e tutoriais para detectar as defesas e seu estado. Para as palavras, em troca, está disponível um dicionário computadorizado com um banco de dados de uns 650.000 termos que permite inferir os desejos, mas não as defesas, já que para isso se faz necessário dispor de uma cena (relatada ou desenvolvida no vínculo) e não só de componentes mais elementares que esta. Além disso, o ADL dispõe de uma categorização das intervenções do terapeuta segundo suas funções: introdutórias (cumprimentos, obter informação), sintonia, nexos (causais, cronológicos, de semelhança e contraste), complementares (exemplos, sínteses, esclarecimentos).

4 Três estudos

Apresento, a seguir, a síntese de três estudos empíricos ligados ao problema da violência. O primeiro consiste em um estudo dos desejos e das defesas (e seu estado) nas explosões de violência e seus determinantes nos relatos de quinze sujeitos (Maldavsky, 2013). O segundo é um estudo dos desejos de uma *massa coral* constituída por diferentes atores em um caso de abuso: o abusador (líder comunitário), os oponentes, os seguidores do líder, seu inspirador intelectual, um aliado (Maldavsky, 2015a). O terceiro é um estudo da resistência de contratransferência no tratamento de uma paciente com violência autoinfligida (Maldavsky, 2015b). Cada um destes estudos foi pensado de maneira independente, somente nesta oportunidade são apresentados reunidos, de maneira resumida, dado que cada um deles proporciona aos demais uma perspectiva diferente da prática violenta, perspectivas que podem se articular com as restantes.

4.1 Desejos e defesas (e seu estado) nas explosões de violência e seus determinantes

Nesta investigação me centro nos relatos de diferentes sujeitos com uma explosão de violência, para estudar seus determinantes (Maldavsky, 2013). Construo, então, uma matriz do relato que permite realizar agrupamentos e comparações entre as cenas narradas por diferentes sujeitos. A matriz se constitui de uma sequência narrativa com três cenas, cada uma delas sintetizada em uma frase. A frase da cena inicial expressa um estado duradouro do sujeito (anterior ao

surgimento da violência) com um verbo no passado imperfeito, a segunda expressa um episódio pontual, prévio à explosão de violência, exposto na terceira cena, estas duas últimas com um verbo no passado perfeito. Com este enfoque estudo quinze relatos, cada um dos quais correspondendo a um falante diferente. Ao estudar cada cena de uma sequência narrativa, lhe atribuo dois desejos e, conseqüentemente, duas defesas e seu estado, um dominante e o outro complementar. Por exemplo, em uma sequência narrativa, o estado duradouro “O abandono por sua namorada o tinha deixado em um estado de abatimento” é analisado como LI e o repúdio do afeto exitoso/fracassado (dominante) e O2 e desmentida fracassada; o episódio pontual “Depois de um encontro amistoso posterior com ela, supôs que ela tinha outro homem” é analisado como O1 e desmentida fracassada (dominante) e A1 e desmentida fracassada, e a explosão de violência “Destruição da própria casa” é analisada como LI e o repúdio do afeto exitoso (dominante) e A1 e desmentida exitosa.

No estudo dos quinze relatos (cinco de violência contra terceiros, cinco de violência contra objetos, cinco de violência contra si mesmo) ocorre que, no estado duradouro predominam LI e a rejeição do afeto exitoso-fracassado, que corresponde a uma situação desagradável na qual o paciente se sente fora dos nexos vitais entre os sujeitos; como componente complementar apareciam O2 e a desmentida exitoso-fracassada, correspondentes a padecer a falta de amor do outro. Por sua vez, no episódio pontual predominam O1 e a desmentida fracassada, que consiste na suposição do paciente de que estivera dependendo de um sujeito que fingia, e além disso tinham importância A1 e a desmentida fracassada, o que corresponde à vivência de ser vítima impotente de injustiças. Por fim, na explosão de violência predominam LI e a rejeição exitosa do afeto, o que corresponde à cena de descarga, e A1 e a desmentida exitosa têm um valor complementar, como expressão do desenvolvimento de uma conduta vingativa.

Concluimos que LI e a rejeição do afeto exitoso-fracassada é a combinação mais usual (correspondente a vivências de apatia, penúria econômica, falta de energia, desenraizamento) entre desejo-defesa-estado, no estado inicial, que O1 (dominante) e A1 (complementar), ambos acompanhados pela desmentida ou o repúdio da realidade fracassada prevalecem na cena desencadeante pontual (O1 corresponde à situação de depender ou de um personagem falso, ou de um personagem que delira, enquanto que A1 corresponde ao sentimento de injustiça e enclausuramento) e que LI e a desconsideração do afeto e A1 e a desmentida, ambos exitosos, predominam no desenlace, quer dizer, a cena de violência em si mesma.

É possível notar que as defesas patológicas que resultam fracassadas ou exitoso-fracassadas nos antecedentes das explosões de violência (como a rejeição

do afeto ou a desmentida combinada com A1) se tornam exitosas no momento da explosão de violência. Portanto, a explosão de violência restabelece o estado exitoso das defesas patológicas para a rejeição do afeto e a desmentida ligada a A1. A explosão de violência, porém, não alcança tornar exitosa a defesa fracassada ligada a O1 (dependência de um personagem falso, ou que delira). Este parece ser um fator decisivo que pode levar a que se desenvolvam novas explosões de violência.

O estudo que acabo de resumir inclui um enfoque intersubjetivo desde a perspectiva do sujeito, no sentido de sua dependência de personagens com um discurso falso ou absurdo. Não inclui, em troca, um enfoque desde a perspectiva da interação entre sujeitos. Posso acrescentar, no entanto, que costuma acontecer que o sujeito faça a um outro aquilo que padeceu, em parte, com o objetivo de processar o trauma ao se apresentar como personagem intrusivo e incompreensível para esse outro e, em parte, como modo de convocar outros a que contribuam para encontrar uma lógica que dote de coerência a mente do personagem do qual o sujeito depende.

4 2 Desejos e valores em um acusado de abuso, seus seguidores, seus acusadores, seu aliado, seu líder espiritual

Esta investigação não tem um perfil clínico e sim psicossocial, centrada nos discursos de um líder de um grupo religioso acusado de abuso, seus oponentes (grupo formado pelos que se dizem vítimas do abuso), seu aliado no terreno jornalístico, seu orientador espiritual, seus seguidores. O líder do grupo religioso é o Maestro Amor (Ricardo Javier Ocampo) e seu inspirador espiritual é Sai Baba. O Maestro Amor faz uma pregação mística, que se propaga com sucesso com a ajuda de alguns seguidores, como Claudio María Domínguez, outro *guia espiritual*, mais midiático. O Maestro Amor funda em 2001 uma comunidade em Catamarca, onde viviam umas duzentas pessoas. Em 2009 é condenado à prisão por delitos de abuso perpetrado entre 2002 e 2007. Os integrantes da comunidade que ele dirige fazem sentir sua pressão durante o julgamento e no momento da sentença. Em abril de 2010, a Justiça decide libertá-lo considerando que o delito que lhe fora imputado já havia prescrito. Em princípios de junho de 2012, a Corte de Justiça de Catamarca decide que não prescrevera uma acusação contra ele por abuso sexual de cinco rapazes, de onde ter-se visto na iminência de voltar para a cadeia. Por sua vez, Domínguez se desentende publicamente com ele. Pelo fim de novembro de 2014, Ricardo Javier Ocampo é condenado a uma pena de quatorze

anos de prisão por seis atos de abuso sexual de dois seguidores, que, no momento dos ultrajes, são menores. Leva-se em conta que o Maestro Amor se vale de sua condição de líder espiritual para convencer os adolescentes e posteriormente deles abusar. Nos meios jornalísticos e nas redes sociais circulam mensagens com opiniões a favor (principalmente de seus seguidores) e contra o Maestro Amor, assim como a informação acerca do processo e seus resultados, que constituem a amostra desta investigação.

Como se trata de uma amostra muito ampla, preferi estudá-la com um instrumento que analisa os desejos nas palavras. Este instrumento não permite estudar defesas e seu estado, já que para isso o método necessita de cenas, narradas ou desenvolvidas. Em troca, a análise das palavras permite inferir os desejos que cada falante expressa como dominante. Portanto, a investigação trata de detectar os desejos e os valores nos diferentes envolvidos na situação. Cabe acrescentar que o ADL parte do pressuposto de que, para cada desejo, há um valor ou ideal dominante. Para LI, o valor é a ganância econômica, ou o prazer orgânico; para O1 é a verdade abstrata, espiritual; para O2, o amor; para A1, a justiça; para A2, a ordem; para FU, a dignidade; e para FG, a beleza.

O instrumento para a análise é o dicionário computadorizado que detecta os desejos nas palavras escritas. Esse instrumento lança resultados quantitativos multivariados, no sentido de que detecta vários desejos com suas respectivas percentagens. Além disso, é acompanhado de uma distribuição de frequências, quer dizer, de um instrumento complementar que permite comparar os resultados obtidos em cada análise com resultados correspondentes a amostras mais amplas. Tais resultados se expressam, finalmente, em percentis, que são valores do 1 ao 99.

A aplicação do instrumento para estudar os desejos nas palavras nos dá estes resultados (Quadro 2):

Quadro 2 – Panorama dos desejos e valores dos diferentes atores

	MA	Seguidores	Sai Baba	Oponentes	Domínguez
LI Ganância	80	32	30	51	50
O1 Verdade	99	81	99	79	80
O2 Amor	70	99	80	99	80
A1 Justiça	40	9	20	65	10
A2 Ordem	8	39	60	7	20
FU Dignidade	60	51	40	42	50
FG Beleza	50	79	99	75	99

Consequentemente, é possível inferir os três desejos dominantes em cada ator (Quadro 3):

Quadro 3 – Principais desejos e valores em cada ator

Maestro Amor		
O1 Verdade (99)	LI Ganância (80)	O2 Amor (70)
Seguidores		
O2 Amor (99)	O1 Verdade (81)	FG Beleza (79)
Sai Baba		
O1 Verdade (99)	FG Beleza (99)	O2 Amor (80)
Oponentes		
O2 Amor (99)	O1 Verdade (79)	FG Beleza (75)
Domínguez		
FG Beleza (99)	O1 Verdade (80)	O2 Amor (80)

Encontro-me, assim, com uma *massa coral* em que se entreveem afinidades e diferenças, as quais podem ser encaradas levando em conta os valores dominantes e as coincidências e diferenças entre os respectivos percentis.

Fica mais simples a comparação entre os valores dominantes em cada ator. No Maestro Amor predomina LI (ganância em prazer orgânico e/ou dinheiro), combinado com O1 (verdade abstrata) e O2 (amor). Em troca, nos outros quatro atores prevalecem os mesmos valores, com uma distribuição um tanto diferente das prioridades. Em todos eles, a beleza, própria de FG, ocupa o lugar da ganância, própria de LI. Em consequência, faz-se claro o traço distintivo do Maestro Amor e as semelhanças entre os outros quatro grupos. O ideal da ganância em prazer orgânico e/ou de tipo econômico parece ligado aos fatos pelos quais foi acusado o Maestro Amor, ao tomar outros como instrumento para sua satisfação sexual e ao enriquecer à custa dos que o veneram. Quanto ao ideal da verdade, costuma implicar relações entre as palavras e os fatos, como acontece quando um falante mente ou diz frases absurdas, e igualmente implica uma alusão a um mundo somente espiritual, como pode sê-lo a relação com uma divindade. Quanto ao valor do amor, enfatiza os vínculos entre os integrantes de uma família, unidos entre si por laços afetivos. O valor da beleza implica uma aspiração à plenitude, à totalização em termos de uma harmonia estética de conjunto.

Por sua vez, a comparação entre os percentis dos desejos e valores de cada ator permite apreciar mais claramente diferenças e afinidades em relação

às respectivas estratégias argumentativas (trinta percentis constituem o mínimo indicador de uma diferença significativa). Após uma análise detalhada concluo que, em resumo, a estratégia argumentativa do Maestro Amor difere da estratégia de seus seguidores, entre os quais, em comparação com o Maestro Amor, têm menor peso LI (e o valor correspondente, a ganância) e A1 (e o valor correspondente, a justiça), e têm maior peso O2 (e o valor correspondente, o amor), A2 (e o valor correspondente, a ordem) e FG (e o valor correspondente, a beleza). Também há diferenças entre os desejos e os valores do Maestro Amor e os de Sai Baba: em comparação com o acusado, em Sai Baba adquirem maior importância A2 (e seu valor, a ordem) e FG (e seu valor, a beleza), enquanto que, no Maestro Amor, prevalece LI (e seu valor, a ganância). Neste conjunto de opiniões, as de Sai Baba, as de Domínguez e as dos seguidores do Maestro Amor são coincidentes, têm harmonia entre si, exceto em poucas diferenças. Por sua vez, as opiniões de seguidores e opositores do Maestro Amor diferem somente em que, em comparação, os primeiros hierarquizam um pouco mais A2 (e o valor da ordem) e os segundos, A1 (e o valor da justiça). É notável que as maiores coincidências ocorram entre os valores do Maestro Amor e os de seus opositores, não tanto porque tenham os mesmos valores máximos e sim porque as diferenças entre os respectivos percentis não são significativas.

Em consequência, criam-se dois grupos: aquele em que coincidem os valores em comum com os do Maestro Amor e aquele no qual se dão discordâncias acerca destes valores. Com tudo o que foi exposto, podemos obter um panorama do conjunto da situação, com os traços próprios do Maestro Amor e das vozes de outros personagens de seu meio, que o orientam e o apoiam ou lhe são hostis.

A comparação global entre os percentis dos desejos e dos valores dos discursos dos diferentes atores permite inferir que o Maestro Amor e os que o atacam coincidem quanto a desejos e valores, e que o mesmo acontece entre os outros três grupos de discursos, exceto escassas diferenças. A comparação dos desejos e valores dominantes entre os diferentes atores permite captar um traço distintivo do discurso do Maestro Amor, com ênfase na ganância, combinado com a verdade e o amor, e um traço de todos os discursos restantes, que têm em comum uma tendência ao embelezamento dos fatos, combinando com a verdade e o amor.

Ao contrário do primeiro estudo, centrado na intersubjetividade desde a perspectiva de um sujeito, este outro permite realizar inferências sobre a intersubjetividade no terreno das massas. Freud (1921) havia proposto diferenciar nelas relações baseadas nestas funções: Modelo, Ajudante, Objeto, Rival do Sujeito. Em outras ocasiões propus (Maldavsky, 1990) que também o Objeto e o Rival podiam ter seu Modelo e seu Ajudante e acrescentei que, talvez nas patologias

narcisistas, não haja uma posição para o Objeto e que, para cada uma destas posições, também pode aparecer um Duplo, principalmente do Sujeito. Assim, podemos tomar o Maestro Amor como Sujeito, Sai Baba como seu Modelo, os seguidores como Ajudantes, Domínguez como um duplo do Sujeito e os oponentes como Rivais. O Modelo, o Duplo e os Ajudantes do Maestro Amor se encontram unificados em torno de valores comuns, e a mesma coisa acontece com o Sujeito e seu Rival. No conjunto, a unificação Modelo-Duplo-Ajudante que inferi acerca desta situação permite entender que se tornem possíveis práticas naturalizadas de abuso. Quanto ao Maestro Amor, diferencia-se do resto dos sujeitos pela ênfase na combinação LI-O1, que parece constituir seu traço distintivo, em particular LI. É notável também que os valores percentilares dos desejos do Sujeito e de seus Rivais em boa medida coincidem, o que leva a inferir que são subtraídos de uma unificação anterior com o Modelo, os Duplos e os Ajudantes em relação aos desejos e valores. A combinação entre estes comentários com os expostos, ao se descrever a investigação anterior, permite integrar o enfoque da intersubjetividade no plano do conflito intrapsíquico com o enfoque da intersubjetividade no terreno do conflito psicossocial.

4.3 Resistência de contratransferência do terapeuta com uma paciente com violência autoinfligida

Esta investigação apresenta uma forte ênfase na clínica desde a perspectiva da intersubjetividade, já que se centra na contratransferência em um caso de violência contra a própria pessoa. Trabalhos recentes (entre os quais figuram Jacobs, 1986, Ogden, 1994, Renik, 1993, todos eles baseados em Sandler, 1976), que destacam a perspectiva interpessoal ou intersubjetiva em psicoterapia, recorrem ao conceito freudiano de contratransferência como argumento para sustentar sua perspectiva. Estabelecem fortes afinidades entre este conceito e o de *enactment*, considerado como resposta deliberada do terapeuta (em termos de ações) diante de incitações do paciente para que aquele as desenvolva. Tal equiparação constitui uma contribuição que permite efetuar estudos empíricos em amostras compostas por transcrições de sessões.

Às amostras constituídas por estas transcrições podem se aplicar os instrumentos para a análise das cenas que o paciente relata e para a análise daquelas que o paciente e o terapeuta desenvolvem na sessão. Como me interessa detectar se o terapeuta desenvolve em sessão cenas que possam indicar que ocupa o lugar de um personagem da vida psíquica do paciente, proponho estes passos na aplicação

dos instrumentos: *i*) estudar os desejos nos relatos e nos atos de fala do paciente (pode ou não haver coincidências entre as cenas que o paciente relata e as que desenvolve nas sessões); *ii*) estudar os desejos nos atos de fala do terapeuta em suas intervenções clínicas; *iii*) comparar os resultados da análise dos desejos nas cenas que o paciente relata e/ou desenvolve e as que desenvolve o terapeuta. Assim é possível observar similitudes entre alguma cena desenvolvida pelo terapeuta e alguma cena relatada e/ou desenvolvida pelo paciente. Neste caso pode-se inferir que o terapeuta desenvolveu um *enactment* ou uma resposta contratransferencial, entendida em sentido amplo.

O procedimento recém-descrito é pertinente somente se entendemos a contratransferência em seu sentido extenso, quer dizer, como resposta global do terapeuta ante os estímulos trazidos pelo paciente na sessão, e não em seu sentido restrito, como Freud (1910) propõe, isto é, como fator perturbador no trabalho clínico, derivado dos núcleos conflitantes pouco processados pelo terapeuta, que o levam a formular intervenções clinicamente sem pertinência. Se me interessa realizar um estudo da contratransferência entendida em sentido mais restrito, como resistência do terapeuta, é conveniente estudar se as intervenções do terapeuta são clinicamente pertinentes quanto à forma ou ao conteúdo. Isso implica uma série de passos adicionais: *iv*) analisar, além dos desejos, as defesas e seu estado nas cenas que o paciente relata e desenvolve, para inferir em que ocasiões fracassam os mecanismos do paciente e quais são seus estados afetivos ou orgânicos; *v*) estudar os tipos de intervenções do terapeuta (para obter informação, sintonizar com o paciente, etc.). Aplicar este instrumento permite inferir se o terapeuta tem uma ou várias estratégias clínicas, quanto a: a) obter informação para detectar o foco problemático; b) as intervenções de sintonia; c) as intervenções para estabelecer nexos; d) as intervenções complementares. Este estudo permite avaliar a pertinência clínica das intervenções introdutórias, de sintonia, denexo ou complementares do terapeuta. Realmente, é possível avaliar se o terapeuta leva em conta o tema relacionado com as cenas em que fracassaram as defesas do paciente, se considerou o estado afetivo que o paciente descreve em relação a ditas cenas, etc. Nestas condições é possível avaliar: a) se o terapeuta perdeu ou nunca conseguiu uma orientação ao formular as intervenções introdutórias e quão extensa foi sua desorientação na busca do foco problemático; b) se omitiu as intervenções para sintonizar com o paciente, se as formulou fora de tempo ou tendeu a atribuir ao paciente determinado estado quando as manifestações do paciente indicavam que era outro; c) se errou na escolha do foco ou, tendo acertado na escolha, formulou intervenções de nexos discordante do que as manifestações do paciente indicavam; e/ou d) se realizou intervenções complementares com exemplos contraditórios com

o que havia expressado antes, síntese em que omitia aspectos importantes do que previamente haviam intercambiado, etc.; *vi*) estudar nos atos de fala do terapeuta se este examinou cenas que não estão de acordo com os objetivos clínicos, como afirmar, em uma intervenção de estabelecimento de nexos, que o paciente sofria por depender de personagens que deviam ser evitados e recorrer, em sua formulação, a denúncias, a condenações morais ou a dramatizações (Maldavsky et al, 2015b).

Quer dizer que o estudo do discurso do terapeuta inclui tanto a análise dos desejos e defesas quanto a avaliação de suas intervenções levando em conta sua categorização. Dito estudo permite determinar se os *enactments* do terapeuta correspondem ou não a perturbações de contratransferência transitórias ou duradouras em seu sentido restrito.

Apliquei às transcrições de várias sessões estes procedimentos para o estudo da contratransferência no sentido proposto por Freud, isto é, como uma resistência do terapeuta no tratamento. Em todos os casos estudo os desejos e as defesas dos pacientes, as intervenções correspondentes do terapeuta, assim como as cenas que o terapeuta desenvolve na sessão. Em cada caso apresento uma descrição resumida da sessão transcrita e os comentários correspondentes referentes à contratransferência e os aspectos detectados que permitem inferi-la.

Em todos os casos se avaliam os seguintes itens: *i*) tipo de contratransferência (transitória ou duradoura); *ii*) aspecto do discurso do terapeuta em que ela foi inferida; *iii*) estímulo determinante do paciente; *iv*) cena desenvolvida na sessão; *v*) lugar do terapeuta na cena desenvolvida; e *vi*) processo psíquico desenvolvido no terapeuta. Entre estes casos me parece útil resumir um, correspondente a uma paciente com violência autoinfligida.

Marisa, com vinte e dois anos, consulta por causa de cortes reiterados na pele com um instrumento afiado. Em uma sessão do começo da terapia relata que, pela manhã, se sentira angustiada e que antes teve atritos com o namorado, com cenas de choro porque ele se ausenta ou a ignora mas que, finalmente, haviam chegado a uma situação mais gratificante. Também se refere a que, em sua casa, chora em seu quarto, quando seu pai aparece para lhe dizer que falara com uma feitiçeira, e que esta lhe dissera que a mãe de um ex-namorado havia feito um conjuro negativo contra ela. A paciente acha graça disso, mas, simultaneamente, começa a chorar com mais força e a machucar a pele com as unhas, até que aparece sua mãe e expulsa o pai dizendo que a paciente passava mal quando falava com ele. Não conta nada à irmã porque o pai a fizera prometer que guardaria segredo.

A terapeuta diz à paciente que ela parece guardar coisas que deveria falar, como acontecera com seu namorado e com o pai. Centra-se na relação com o namorado e a estimula a lhe dar limites quando ele a maltrata, a seguir lhe dá

exemplos do que podia lhe dizer e recorre a frequentes dramatizações. Pouco depois a terapeuta termina a sessão e a paciente, em vez de ir embora, passa a contar à terapeuta que havia dito ao psiquiatra que de noite ela via gente perambulando por seu quarto. A terapeuta lhe diz, então, que por isso a paciente se angustiara pela manhã, porque não sabia se contava ou não estas situações ao psiquiatra.

A análise da sessão leva à conclusão de que os temas centrais são a relação com o namorado e com o pai. Com o namorado, a paciente descreve situações que parecem indicar um equilíbrio realizado. Mas a relação com o pai evidencia o inverso, quer dizer, desenlaces disfóricos. Além do mais, em relação às cenas com o pai, a paciente relata que havia machucado a pele de novo, o que parece próximo à questão das feridas autoinfligidas pelas quais consultou. Os atos de fala da paciente correspondem, por um lado, a justificações, descrições de situações concretas, estabelecimento de conexões, etc. (em cujo caso predominam defesas funcionais exitosas); por outro lado, correspondem a exageros e dramatizações (em cujo caso predominam defesas patológicas exitosas).

Quanto aos atos de fala da terapeuta, nas intervenções centrais de nexos há o predomínio de justificações, objeções, informação de fatos concretos, confirmação ou retificação da opinião alheia, etc. e de dramatizações. Conjeturamos, então, que paciente e terapeuta podem estabelecer uma aliança terapêutica positiva ao recorrerem a justificações, relatos, etc., e uma relação pouco construtiva ao recorrerem a dramatizações e exageros.

Quanto ao foco das intervenções centrais da terapeuta, a tendência é que a paciente dê limites ao namorado. Em troca, deixa de prestar atenção à relação da paciente com o pai, com quem tem o atrito que culmina em uma repetição atenuada das tentativas de machucar a pele.

Expostas rapidamente, eis aqui as conclusões da investigação tomando os pontos em estudo:

- i) tipo de contratransferência: duradoura, com retificação. Inferida das intervenções clinicamente sem pertinência e dos atos de fala da terapeuta;
- ii) intervenções clinicamente sem pertinência: falha na escolha do conflito;
- iii) estímulo proporcionado pela paciente: tendência excessiva ao histrionismo;
- iv) atos de fala da terapeuta: recurso excessivo às dramatizações;
- v) cena desenvolvida na sessão: escalada de histrionismo;
- vi) lugar da terapeuta na cena desenvolvida: similar à da paciente na sessão;
- vii) processo psíquico na terapeuta: identificação com a paciente.

Como consideração adicional, cabe acrescentar que, neste caso, a perturbação de contratransferência se tornou manifesta na escolha do foco. Em outras ocasiões

(Maldavsky, 2015b) se torna evidente sobretudo nos atos de fala do terapeuta, que coincidem com os de algum personagem com o qual o paciente está em conflito. Em outras oportunidades contratransferenciais se evidenciam nas falhas em relação à sintonia. Em termos mais gerais, o estudo da contratransferência leva a considerar um desejo e uma defesa perturbadores do terapeuta, inferíveis pela cena que este desenvolve na sessão.

O tipo de perturbação contratransferencial detectado é do tipo *enactment*, no qual o terapeuta se situa inadvertidamente no lugar de um personagem da vida psíquica do paciente. Tem-se afirmado que o *enactment* contém, às vezes, um valor positivo desde a perspectiva clínica, principalmente se o terapeuta ocupa, com um propósito clínico, o lugar de um personagem da vida de um paciente, mas não acontece assim quando esta tendência a ocupar o dito lugar carece de propósito clínico.

Os estudos mostram que há três alternativas: que o terapeuta desenvolva um *enactment* com um valor perturbador ao se colocar no lugar do próprio paciente, ou de um personagem da vida do paciente com o qual tem um conflito, ou ao desenvolver medidas protetoras diante do risco de se situar em algum desses dois lugares. Em todos os casos esta perturbação de contratransferência é detectada nos atos de fala do terapeuta e permite, além disso, inferir um desejo que o terapeuta não havia processado.

Colocar-se inadvertidamente na posição de um personagem da vida psíquica do paciente é consequência de uma identificação do terapeuta e, às vezes, de um mecanismo adicional, a introjeção orgânica, se é que este tem, além disso, uma alteração somática, como a sonolência, a taquicardia por raiva, a transpiração por angústia, ou as comichões nos genitais excitados.

Até este ponto resumi uma terceira investigação, referente à contratransferência com uma paciente com violência autoinfligida. É conveniente se perguntar agora em que este estudo contribui para o enfoque da violência. Por um lado, a análise do relato do episódio de violência contra si mesma, da paciente, se harmoniza com a análise acerca dos fatores predisponentes e precipitantes de tais desenlaces, antes mencionados. Por outro lado, mostra mais claramente uma múltipla relação intersubjetiva: os vínculos da paciente com o pai, com o psiquiatra, com o namorado, com a mãe, todos eles expressados pelos relatos, e com a terapeuta, na interação na sessão. Boa parte das cenas relatadas pela paciente coincidem e esclarecem as conclusões da segunda investigação. Em troca, o estudo da relação paciente-terapeuta poderia contribuir com algum esclarecimento adicional ao já exposto. Na interação em sessão o problema central da paciente, sua violência autoinfligida, que a leva a consultar, assim como sua relação com um progenitor com ideias

absurdas e com seus temores e visões durante a noite, são deixadas de lado nas intervenções da terapeuta. Em vez disso a terapeuta se detém em temas nos quais a paciente manifesta maior equilíbrio psíquico e vincular, e na sessão evidencia uma identificação com uma tendência da paciente à dramatização e ao exagero, que implicam um embelezamento e uma naturalização de sua cotidianidade. A posição da terapeuta poderia se confundir com a de uma testemunha da cena de violência que apela para o embelezamento a serviço de uma desmentida. Seria apressado (e inclusive injusto) supor que a terapeuta estava no lugar de uma cúmplice do maltrato, já que, na verdade, poderia ocorrer que lhe faltassem recursos psíquicos e vinculares para processar a situação de que era testemunha.

5 Comentários

Resumi três investigações, com um grau crescente de complexidade conceitual e metodológica. O primeiro dos três trabalhos se centra no estudo dos fatores predisponentes e precipitantes das explosões de violência. O estudo permite apreciar o peso da dependência da palavra de personagens falsos ou absurdos: a violência se desata diante da decepção consequente. O segundo estudo destaca o peso das palavras de um líder que enfatiza o valor da espiritualidade e o amor e obtém uma adesão crédula dos seguidores, como condição para o abuso econômico e sexual. O terceiro dos estudos mostra a falta de recursos para processar, imediata e posteriormente, a intrusão de um personagem falso ou absurdo do qual o sujeito depende, situação esta que pode levar à naturalização ou banalização (via embelezamento) dos fatos. É possível que, das duas intrusões (orgânica e cognitiva) que um sujeito padece nas situações de violência, seja mais insuportável a indefensibilidade diante dos estados de caos e incoerência da mente do personagem dominante, tornada ininteligível. Estes resultados têm um caráter contraintuitivo, no sentido de que não destacam em primeiro lugar o peso de uma tendência vindicativa, ligada ao fazer justiça com as próprias mãos, como é inerente a A1 combinada com a desmentida. O peso de A1 se torna evidente como um componente complementar, na primeira investigação, e na segunda é notado tanto no sujeito ativo do abuso como em seus oponentes, mas não nos destinatários do abuso, no inspirador espiritual ou em outros membros do grupo, possivelmente testemunhas dos fatos. Tampouco é notado na terceira investigação, em que a paciente e seu terapeuta parecem se encontrar num mesmo estado de paralisia e falta de recursos. É possível que a tendência à resposta vindicativa, como denúncia dos fatos ou como pensamento que permite resgatar-se da paralisia,

surja posteriormente, demasiado tarde, quando os fatos padecidos já façam parte desse passado que segue sempre vigente, traumático, e que o central nessa situação traumática permaneça sendo o estado de paralisia do pensar, a impossibilidade de entender o caos contido na mente do personagem do qual o sujeito dependeu.

Cada uma das investigações recorre a instrumentos parcial ou totalmente diferentes que fazem parte do ADL. Cada um tem um projeto diferente e objetivos autônomos. A primeira estuda relatos agrupados por um traço comum, a explosão de violência e os fatores que a determinam; a segunda estuda um conjunto de vozes integrantes de uma massa, de um grupo amplo de indivíduos reunidos em torno do conflito social pela denúncia de abuso; e a terceira estuda a contratransferência não declarada como resistência do terapeuta, que é de natureza inconsciente e, portanto, pouco acessível através da informação consciente que um terapeuta pode proporcionar. Tentei atenuar, dentro do possível, o caráter tedioso da exposição dos procedimentos empregados ao usar os instrumentos, em especial no terceiro dos estudos. Fica talvez como benefício um possível caminho para o avanço na reflexão psicanalítica. □

Abstract

Three studies with different perspectives concerning violence: combinations of wishes and defenses in the same subject or distributed among links

Following the presentation of his conceptual frame (wishes and defenses) and a summary of his evaluation method, the author briefly discusses three empirical investigations focusing on violent practices: i) wishes and defenses in explosions of violence and their determinants; ii) wishes and values in a man accused of abuse, his defendants, his accusers, his ally, his spiritual leader; and iii) the therapists's countertransference resistance with a female patient suffering from self-inflicted violence. Each investigation's design and instruments is different, but their results may be articulated. These studies take an intersubjective perspective to focus both on the value of the other in the individual's psychic life and also on the relation actually developed in an interchange. Regarding prevalent wishes and defenses, the results of these studies coincide in highlighting a libidinal tendency to alter self-preservation of the subject's own body or of others' bodies, and also a tendency to hypercathect a world characterized by spirituality and words not based on facts, uttered by deceitful persons or persons with absurd ideas, all this combined with defenses that aim to dispossess psychic life of its qualities and to reject a concrete reality considered frustrating.

Keywords: wishes, defenses, violence, intersubjectivity.

Resumen

Tres estudios con diferentes perspectivas sobre la violencia: combinaciones de deseos y defensas en un mismo sujeto o distribuidas en los vínculos

Tras presentar su marco conceptual (pulsiones y defensas) y sintetizar el método de evaluación, el autor expone sumariamente tres investigaciones empíricas centradas en torno de las prácticas violentas: i) deseos y defensas en los estallidos de violencia y sus determinantes, ii) deseos y valores en un acusado de abuso, sus defensores, sus acusadores, su aliado, su líder espiritual, y iii) resistencia de contratransferencia del terapeuta con una paciente con violencia autoinfligida. Cada investigación posee un diseño y recurre a instrumentos diferentes, y sus resultados pueden articularse. Los estudios prestan atención, desde la perspectiva intersubjetiva, tanto al valor del otro en la vida anímica individual como a la relación efectivamente desarrollada en un intercambio. En cuanto a los deseos y defensas prevaletentes, los resultados de los estudios coinciden en destacar el peso de la tendencia libidinal a la alteración de la autoconservación en el cuerpo propio o en el ajeno, y de la tendencia a sobreinvertir un mundo caracterizado por la espiritualidad o por las palabras carentes de sustento en los hechos, proferidas por personajes falsos o con ideas absurdas, todo ello combinado con defensas que apuntan a despojar de cualidades a la vida psíquica y a rechazar una realidad concreta que se considera frustrante.

Palabras clave: deseos, defensas, violencia, intersubjetividad.

Referências

- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. *AE*, VII.
- Freud, S. (1910). Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica. *AE*, XI.
- Freud, S. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. *AE*, XIV.
- Freud, S. (1918). De la historia de una neurosis infantil. *AE*, XVII.
- Freud, S. (1920). Más allá del principio del placer. *AE*, XVIII.
- Freud, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. *AE*, XVIII.
- Freud, S. (1924). El problema económico del masoquismo. *AE*, XIX.

- Freud, S. (1926). Inhibición, síntoma y angustia. *AE*, XX.
- Freud, S. (1940). Esquema de psicoanálisis. *AE*, XXIII.
- Freud, S. (1950). Los orígenes del psicoanálisis. *AE*, I.
- Jacobs, T.J. (1986). On countertransference enactments. *J. Am. Psychoanal. Assoc.*, 34 (2), 289-307.
- Maldavsky, D. (1988). *Estructuras narcisistas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Maldavsky, D. (1990). *Procesos y estructuras vinculares*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- Maldavsky, D. (1992). *Teoría y clínica de los procesos tóxicos*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Maldavsky, D. (2003). A contribution to the development of a psychoanalytical methodology for research into language. A systematic study of narration as an expression of sexuality. *Int. J. Psycho-anal.*, 84 (3), 607-635.
- Maldavsky, D. (2008). Yo realidad inicial: conceptos e investigaciones sistemáticas. *Subjetividad y procesos cognitivos*, 11, 77-98.
- Maldavsky, D. (2013). *ADL Algoritmo David Liberman, un instrumento para la evaluación de los deseos y las defensas en el discurso*. Buenos Aires: Paidós.
- Maldavsky, D. (2015a). Un acusado de abuso y su entorno: el Maestro Amor, su orientador, sus partidarios, sus oponentes. Estudio de los deseos y los valores con el Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y procesos cognitivos*, 19 (2), 132-146.
- Maldavsky, D. (2015b). Investigación empírica con el algoritmo David Liberman de la contratransferencia no declarada: método y aplicaciones. *Investigaciones en psicología*, 20 (3), 61-75.
- Maldavsky, D. (2016a). *Relación entre cuerpo y cerebro en la vida emocional: concepto de trastornos disociativos post-traumáticos, su operacionalización y su estudio en investigaciones empíricas, conferencia en el World Congress on Brain, Behavior and Emotion*. Buenos Aires: [S.d.].
- Maldavsky, D. (2016b). An instrument for the study of wishes, defenses and their state in patients' narratives. *Studies in psychology*, 337 (2-3), 633-655.
- Mc Dougall, J. (1989). *Teatros del cuerpo*. Madrid: Julián Yébenes, 1991.
- Ogden, T. (1994). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. *Int. J. Psychoanal.*, 75 (1), 13-19.
- Perry, J. C. (1990). *Defense mechanism rating scale, inédito*. Boston: Harvard School of Medicine.
- Renik, O. (1993). Countertransference enactment and the psychoanalytic process In Horowitz, M. J., Kernberg, O, & Weinshel, M. (eds). *Psychic structure and psychic change. Essays in honor of Robert S. Wallerstein*. Nueva York: Int. Univ. Press.
- Sandler, J. (1976). Countertransference and role-responsiveness. *Int. J. Psycho-anal.*, 3, 43-48.

Recebido em 11/03/2017

Aprovado em 15/09/2017

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão técnica de **Vânia Elisabete Dalcin**

David Maldavsky

República Árabe Síria 3319 5B

C1425EYQ - Ciudad Autónoma de Buenos Aires, AR

e-mail: dmaldavsky@gmail.com

© David Maldavsky

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA